

**A VOZ MÉDIA NO DISCURSO ORAL DO PORTUGUÊS
UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

Maria Claudete Lima (UFCE)

RESUMO

Este trabalho, seguindo a abordagem de Givón (1993, 1995), investiga a influência de fatores sintáticos, semânticos e discursivos no uso da voz média, em duas amostras do português padrão e não-padrão falado em Fortaleza, — *Português Oral Culto de Fortaleza* e *A linguagem falada em Fortaleza*, respectivamente. Dentre os fatores analisados, os discursivos foram os que se mostraram mais relevantes. O sujeito da voz média se apresentou predominantemente inanimado, anteposto, paciente, evocado e referido na oração imediatamente anterior. Essas propriedades ressaltam a função da voz média de topicalizar o objeto e manter a coesão textual.

PALAVRAS-CHAVE: voz, voz média, topicalização.

INTRODUÇÃO

Os estudos lingüísticos em bases estruturais e gerativistas não têm conseguido até o momento dar conta da categoria de voz. Camara Jr. (1977, *s.v.voz*), por exemplo, amparado num critério formal, considera como vozes a ativa, a passiva e a reflexivo-medial, mas define mal a voz medial que ora é considerada como um tipo de voz, ao lado da passiva e da ativa, ora é tida como subtipo da passiva (médio-passiva). Também insuficientes são as descrições da lingüística gerativa, como as de Duarte (1983, 1989), por exemplo, que sob o rótulo de "ergatividade", dá tratamento sintático à voz média em português, limitando-se a apontar uma ou outra propriedade dos verbos ergativos em português, sem se deter, especificamente, na voz verbal.

Trabalhos numa linha funcionalista como os de Givón (1993, 1995), Furtado (1991) e outros têm demonstrado que a categoria de voz é muito mais uma categoria sintático-semântico-discursiva que uma categoria morfológica, como nos fazem crer as gramáticas tradicionais. De fato, a diátese verbal, em especial, a voz média, que pouco tem sido abordada, só será apreendida quando se levarem em conta fatores sintáticos, semânticos e discursivos. Diante da impossibilidade de uma abordagem que conjugue a visão funcionalista dos autores citados acima, baseamos-nos notadamente no funcionalismo

de Givón (1993, 1995), para analisar um fenômeno de de-transitivização — a voz média — em situações de uso da língua.

São esses nossos problemas: se um mesmo evento semanticamente transitivo pode assumir diferentes formas: ativa, passiva, média, antipassiva, reflexiva, o que leva o falante a usar uma codificação média? Por outro lado, se médias, impessoais e passivas compartilham funções comuns, o que levaria o falante a usar uma e não outra? E dentre as várias construções de voz média, a escolher uma em detrimento da outra? Em suma, que fatores sintático-semânticos e discursivos podem influenciar no emprego de uma forma de codificação média?

Em busca de resposta a essa questão, examinamos aqui construções de quatro tipos, todas relacionadas a uma ativa correspondente. Para uma ativa do tipo “Maria fechou a porta”, poderíamos ter as seguintes construções médias:

- (1) A porta *fechou*.
- (2) A porta *fechou-se*.
- (3) A porta *ficou fechada*.
- (4) A porta *está fechada*.

O objetivo desse trabalho é verificar, numa pequena amostra do português padrão e do não-padrão falado em Fortaleza, a possível influência de fatores discursivos, sintáticos e semânticos que podem determinar o uso da voz média.

O trabalho acha-se dividido em duas partes. Inicialmente, apresentamos brevemente a proposta de Givón, que nos serviu primariamente de base para a segunda parte. Em seguida, apresentamos a análise dos dados, em que falamos da metodologia e dos resultados encontrados na análise do *corpus*.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1. Transitividade

Segundo Givón (1993), o ponto de referência (o tema) para a descrição da gramática de uma língua é a oração simples, indepen-

dente, declarativa, afirmativa, ativa. As orações complexas — passivas, médias, não-declarativas, dependentes e outras — são consideradas variações do tema. Nesse sentido, podemos afirmar que as construções médias, tais como, “Ele se modificou” são variações do tema subjacente “Algo o modificou”, uma oração ativa transitiva.

A transitividade é apresentada como um fenômeno complexo que envolve traços sintáticos e semânticos. Sintaticamente, uma oração transitiva é aquela que tem um objeto direto. Semanticamente, uma oração transitiva prototípica envolve três fatores semânticos que se referem, por sua vez, às propriedades semânticas do sujeito, do verbo e do objeto. São elas:

- a. *agentividade*: o sujeito de uma oração transitiva prototípica é um agente intencional, controlador, ativo, que é o responsável pelo evento e sua causa saliente;
- b. *afetação*: o objeto de uma oração transitiva prototípica é um paciente concreto, visível, afetado, não-intencional, inativo, não-controlador que registra a mudança de estado do evento e é seu efeito saliente;
- c. *perfectividade*: o verbo codifica um evento limitado, completo que ocorre num tempo real.

A de-transitivização significa um decréscimo em maior ou menor grau dos fatores que definem a transitividade e compreende as seguintes construções:

- a. passiva
- b. impessoal
- c. antipassiva⁸
- d. reflexiva
- e. recíproca
- f. voz média

⁸ Dentre estas, a denominação *antipassiva* é a menos conhecida. Consiste na supressão do argumento *paciente* da oração transitiva prototípica, a exemplo de *Maria comeu apressada; João bebe muito*. Representa o extremo oposto da passiva, em que o argumento suprimido é o *agente*.

Cada uma dessas construções se distingue uma da outra pelo grau de decréscimo nas propriedades da transitividade do qual decorrem as três principais funções do fenômeno de de-transitivização:

1. *demoção do agente*: a demoção do agente pode atender a diferentes motivações. O agente pode ser desconhecido, pode ser predito anafórica ou cataforicamente, pode ser universal ou estereotipado e, ainda, pode simplesmente ser demovido como estratégia para evitar assumir responsabilidade.
2. *promoção de um não-agente*: consiste em, havendo a demoção do agente, outro participante ser interpretado como tópico. Nem toda construção de-transitiva tem essa função. A impessoal, por exemplo, é não-promocional, uma vez que, embora demova o agente, o objeto se conserva como tópico secundário.
3. *estativização do verbo*: nas construções de-transitivas um evento passa a ser codificado como estado resultante. Também não está presente em todas as construções, mas se relaciona às construções promocionais (que envolvem a função (2)).

1.2. A voz média

A voz média é um tipo de construção de-transitiva que atende às três funções: há demoção do agente, promoção do objeto a tópico primário e estativização do verbo.

Givón aponta quatro critérios para inclusão de uma forma na voz média:

- a. o verbo envolvido é inerentemente um verbo transitivo;
- b. o sujeito gramatical é paciente;
- c. não há um agente responsável claramente discernível e nenhuma ação;
- d. enquanto um agente discernível está ausente, a construção não é usada primariamente como um artifício de demoção do agente.

O critério (a) foi respeitado neste trabalho. Todas as formas, quer finitas quer adjetivais, são de verbos inerentemente transitivos, isto é, verbos de ação-processo que normalmente têm dois argumen-

tos, um sujeito agente e um objeto paciente e que, na construção média, passam a verbos de processo ou estado, com um só argumento paciente ou experienciador. O critério (b) é limitado, uma vez que Givón (1993) não utiliza o papel semântico de experienciador, incluído como *dativo*. Achamos por bem especificar esse papel semântico por conta de a maioria dos verbos pronominais essenciais em português⁹ ter relação com esse papel. O critério (c) decorre da impossibilidade de se ter, nas construções prototípicas um agente do evento, e de o verbo ser de *processo* com um único argumento obrigatório, paciente ou experienciador. O critério (d) parece negar uma das funções primordiais da de-transitivização que é justamente a de demissão do agente, mas o próprio Givón (1993) exemplifica com a voz média esse artifício. Desse modo, esse critério deve ser interpretado como uma afirmação de que a voz média, embora também seja um recurso de demissão do agente, não tem essa como sua função primeira. Restam, então, à voz média duas funções básicas: (1) a promoção de um não-agente a tópico e (2) a estativação do verbo, que passa a denotar um estado resultado ou processo.

Givón (1993) estabelece ainda cinco formas de codificação da voz média:

- a. voz média intransitiva: O copo *quebrou*.
- b. passiva adjetivo-lexical: O copo *estava quebrado*
- c. adjetiva potencial: O copo *é quebrável*
- d. média potencial: O copo *quebra* facilmente

Na nossa pesquisa, desprezamos os tipos (c) e (d). O tipo (c) por o considerarmos ligado à modalidade. O tipo (d) por não vê-lo diferenciado dialeticamente do tipo (a). Todavia, acrescentamos mais um: a média pronominal. Também não acatamos a denominação *adjetivo-lexical*, por considerá-la opaca. O que o autor quer dizer com essa denominação? Por que se diferencia de uma *adjetiva potencial*, cuja estrutura (verbo de ligação + predicativo) é semelhante? Prefe-

⁹ Boa parte dos verbos chamados essencialmente pronominais na Gramática Tradicional enquadram-se nos casos de voz média não-prototípica que discutimos acima.

rimos chamá-la simplesmente de *média adjetival*¹⁰.

Considerando o fenômeno de de-transitivização como um *continuum*, em que cada construção de-transitiva representaria um grau de decréscimo da voz transitiva, podemos afirmar que a voz média representa uma forma mais afastada da ativa. Na média prototípica, não só o agente é demovido de sua função de tópico como não pode ser expresso, como ocorre na voz passiva participial. Além disso, o objeto paciente (ou experienciador) assume o papel de tópico, seguindo a hierarquia de Givón (1993): AGENTE > DATIVO > PACIENTE > outros papéis semânticos.

As regras de competição determinam que se há um agente, este será o sujeito; se não, mas há um dativo (em que se inclui o experienciador), o dativo será o sujeito; se nem há agente nem dativo, o paciente passa a sujeito. Na voz média, o agente desaparece completamente, e o verbo passa a ser de processo ou de estado, conforme o grau de estativização. Ou seja, na voz média há o atendimento às três funções de-transitivas. Em alguns casos, no entanto, os limites entre uma construção de-transitiva e outra são tão tênues que se torna difícil decidir se estamos diante de uma média, uma passiva ou uma reflexiva, por exemplo.

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

2.1. *Corpora*

Nossos dados provêm de amostras de dois *corpora* orais: A Linguagem Falada em Fortaleza – LFF (1996), organizado pelas professoras Maria Elias e Socorro Aragão, e Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT), organizado pelo professor José Lemos Monteiro e disponibilizado na internet, no site

¹⁰ Admitimos aqui, com Pimenta-Bueno (1986) que as formas v+do cuja base é um verbo transitivo direto são adjetivos em contextos diferentes de V—SN e V—Sadj e posteriores a ter/haver, uma vez que têm comportamento adjetival. Entre outros traços adjetivais, admitem concordância de gênero e número e adjunção de-*issimo*, posicionam-se depois do advérbio *bem*, *muito*. Como adjetivos, têm uma leitura + estativa e podem figurar nos contextos posteriores aos verbos *estar*, *ser*, *ficar*. As formas v+do classificadas como participípios não figuram nos contextos posteriores a *estar*, mas apenas após *ser* e *ficar*. Neste último caso, haveria ambigüidade e dificuldade de classificação que só o contexto ajudaria a resolver.

<http://www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036>. Totalizaram 8 horas de gravação de 10 informantes, que nos renderam um total de 65 ocorrências, o que já nos revela a pouca produtividade do fenômeno, pelo menos nos limites dessa amostra.

Todos os falantes são de Fortaleza, a maioria filhos de pais fortalezenses. Do *corpus* LFF, cujas gravações de 60 min cada se deram em situações de entrevista (DID- Diálogo entre Informante e Documentador), tomamos 5 informantes, quatro com o nível de escolaridade do 1º grau (240 min). Do registro Elocução Formal – EF do *corpus* PORCUFORT, tomamos 6 informantes (240 min), todos com curso universitário completo.

Cada ocorrência está identificada do seguinte modo: os dois primeiros dígitos referem-se ao informante ou ao inquerito (no caso do PORCUFORT), em seguida vem a página onde está localizada e, após a barra, a linha.

2.2. Metodologia

Com o fim de investigar os fatores que podem influenciar o emprego da voz média no português oral padrão e não-padrão de Fortaleza, analisamos construções médias de três tipos:

a. média intransitiva não-pronominal:

(5) *as coisas aumentava' mas o salário da gente era semestral' tava aumentando* (vt155/76)

b. média intransitiva pronominal:

(6) *tem uma tia dele que mora bem ali, também (+) se acabou-se' num sei* (fv293/4)

c. média adjetiva:

(7) *o suco de laRANja...Nosso... ele fica muito mais barateado...* (17-47/498)

(8) *o circuito de refrigeração... é um conjunto hermeticamente feCHAdo né?* (54-19/58)

Essas três construções têm em comum:

(a) a função de demonstração do agente/causativo. Em nenhuma

dessas formas, diferentemente da passiva participial, o agente pode ser recuperado. Observe-se a propósito a agramaticabilidade de (9) e (10)

(9) *as coisas *aumentavam por o governo*.

(10) *o suco *fica barateado pelo produtor*.

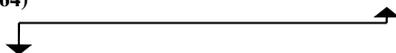
(b) a relação com uma correspondente ativa que expressa o mesmo conteúdo proposicional com o agente expresso.

(11) o salário *aumentava* ⇔ o governo *aumentava o salário*

(c) a transitividade verbal. O verbo é inerentemente transitivo, ou seja, um verbo com dois argumentos que passou a ter um só com a demissão do agente/causativo, impossível de ser expresso nessas construções¹¹.

(d) a promoção do objeto a tópico primário. Observem-se as construções:

(12) a água ela *modifIca...* o o o ri/o o *eh modifica o CURso do rio.../tá certo?* (52-64/264)



(13) o *PRÓprio perCURso do rio... ele se modifica...* (52-64/265)

(e) O papel do sujeito que é paciente ou experienciador.

Esses traços comuns serviram-nos de critérios para a definição das ocorrências, Consideramos as construções que atendem a todos os critérios supramencionados médias prototípicas. Foram incluídas como médias menos prototípicas construções como (14) e (15) abaixo:

(14) *King Kong que ele se apaixonou-se pela moça* (ed422/955)

(15) *ele tava tão apaixonado pela mulher* (ed423/980)

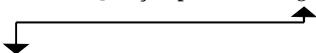
Nesses casos, a demissão do causativo (critério *a*) não se dará sempre pela falta de menção explícita, mas por sua codificação como sintagma preposicionado¹²: "ele se apaixonou [pela moça]¹³". Os

¹¹ No caso da média adjetival, tem essa característica o verbo donde se deriva o adjetivo: *baratear/barateado, fechar/fechado*.

¹² "o agente não-tópico é demovido, tanto por estar ausente ou por ser codificado como objeto preposicional" (Givón, 1993:54)

outros critérios são atendidos por essas construções, embora a passagem da construção ativa (critério c) para a média não se dê exatamente da mesma forma como ocorre com as prototípicas:

(16) A [delicadeza da] moça apaixonou King Kong.¹⁴



(17) King Kong apaixonou-se pela moça

Hipotetizamos que os falantes usam as construções de voz média como recurso para demover o agente ou para topicalizar o resultado de um evento ou o seu objeto. Para testarmos nossa hipótese, fizemos uma análise qualitativa, embora não tenhamos também deixado de fazer algumas observações com base em resultados quantitativos.

Utilizamos 10 grupos de fatores entre sintáticos, semânticos, discursivos, a saber:

1. escolaridade: os falantes se dividem em dois grupos: os que têm curso primário, alguns completo, outros incompleto, e os que têm curso superior completo. Essa variável se justifica pelo fato de se desejar observar a frequência das formas médias no português padrão e não-padrão. Tomamos, então, os dois extremos: falantes moradores da periferia de Fortaleza com apenas o 1º grau, numa situação de entrevista (DID), e falantes cultos, numa situação formal (EF). Os temas das entrevistas giravam em torno de assuntos triviais, tais como, histórias pessoais, situação política, novelas. Os dados do registro EF foram coletados em aulas sobre assuntos diversos: geografia, astronomia, literatura, história.

¹³ O causativo pode deixar de ser mencionado.

¹⁴ Borba (1990:s.v.) define o verbo *apaixonar* como verbo de ação-processo (sujeito agente/causativo) que significa "despertar ou provocar amor intenso" e exemplifica: *Ela apaixonava todos com o seu belo sorriso; A recusa da moça apaixonou ainda mais o rapaz*. Esse verbo passa a verbo de processo, na forma pronominal (sujeito experienciador e complemento apagável *por* + nome) com o sentido de "ser tomado por amor intenso": *Apareceu uma moça que se apaixonou pelo ateu*. Fernandes (1969:s.v.) também registra a forma transitiva do v. *apaixonar-se*, significando "causar paixão a": *Apaixonando as meninas aristocratas e campando de as pôr em rivalidade*.

2. forma de codificação: consideramos as seguintes formas de codificação da voz média em português:

- Intransitiva não-pronominal: “a favela *melhorou*” (fv121/3)
- Intransitiva pronominal: “o rapaz tava dormindo’ *se acordou-se*” (fv132/329)
- Adjetiva: “e a porta tava *fechada*” (fv148/783)

Após uma primeira análise dos dados, separamos as adjetivas em dois tipos: as com o verbo *ficar* e as com o verbo *estar* por razões que serão explicitadas mais adiante, neste trabalho.

3. valor semântico do verbo: consideramos o valor semântico do verbo no contexto em uso. Assim, este grupo apresenta três categorias: *positivo*, *negativo* e *não-se-aplica*. O verbo era considerado positivo quando apresentava idéias agradáveis, como, por exemplo:

(18) “a favela *melhorou*”(fv121/3)

E, naturalmente, negativo quando traduzia idéias desagradáveis, por exemplo:

(19) “ele intoxicou’ ficou *todo intoxicado*” (fv139/512)

O fator não se aplicava quando, mesmo no contexto, era impossível definir se o verbo traduzia idéia agradável ou não, ou quando a carga semântica do verbo tinha valor neutro, como por exemplo:

(20) “o circuito de refrigeração... é um conjunto hermeticamente *fechado*” (54-19/58)

4. Traço semântico do referente sujeito: animado / inanimado. São exemplos:

(21) “o *salário da gente* era semestral’ tava aumentando” (vt155/76)

(22) “*eles* se desesperam querendo alguma coisa” (vt158/167)

5. Tipo semântico de verbo: Chafe (1979) classifica os ver-

bos em *estado*, *processo*, *ação* e *ação-processo*. Borba (1991) se utiliza dessa classificação em seu dicionário. Seguimos essa classificação, adaptando-a à classificação de Givón (1993). Assim, será verbo de processo aquele que descreve um evento em que houve mudança de estado e cujo sujeito é afetado, e verbo de estado aquele que descreve uma situação estável, sem mudança de estado. Os verbos de processo podem aparecer numa construção intransitiva não-pronominal ou numa construção adjetival com o verbo *ficar*:

(23) “e as coisas *umentando*” (vt155/78)

(24) “as carne *fica* muito *enxuta*” (oz451/200)

Os verbos de estado aparecem em construções médias com o verbo *estar* ou na função de adjunto adnominal:

(25) “eu vim aqui no colégio’só que *tava* *fechado*” (ed416/783)

(26) “o meu carro tá com o rádio *quebrado*” (oz444/9)

6. Papel semântico do sujeito: o sujeito — ou nome ao qual a forma codificada se refere — pode ser *paciente* ou *experenciador*. Será *paciente*, um participante humano ou não humano que está num estado ou registra uma mudança de estado como resultado de um evento, por exemplo:

(27) “o *PRÓprio* *perCURso* do rio... ele se *modifica*” (52-64/264)

(28) “o *produto* já /tá *estragado*...” (17-48/512)

Será *experenciador* um participante animado que “expressa uma experiência ligada a uma disposição mental, uma sensação, uma emoção, uma cognição.” (Borba, 1991:XXI). Por exemplo:

(29) “*eles* num se *preocupam* com saneamento” (vt160/207)

7. Persistência do tópico: a persistência do tópico¹⁵ está diretamente relacionada à topicalidade. Conta-se o número de vezes que o referente ocorre nas próximas 10 orações seguintes à ocorrência. Um número acima de 2 indica que o referente é tematicamente

¹⁵ Tópico é entendido neste trabalho como o participante de um evento/estado sobre que se fala (Givón, 1993).

importante (Givón, 1995). São exemplos:

- (30) "*ele SEMpre está escraviZado à venda porque quando ele termina aquela jornada de trabalho... que ele quer voltar pra sua terra aí chega o dono da venda diz "olha... o senhor não PODE porque o senhor comprou além da medida... o senhor está devendo ao patrão... /cê vai ter que trabalhar pra pagar"...* e quando *ele* faz hora extra quando *ele* já ele vai fazer paGAR o patrão... e que *ele*... aparentemente o patrão diz "tá certo tudo pago você pode saIR"... *ele* é TO-caiado e MORTo lá adiante..." (56-143) – ALTA PERSISTÊNCIA (> 5)
- (31) "*as coisas aumentava'* mas o salário da gente era semestral' tava aumentando, e agora com esse Plano aí' o sa/ o salário ficou achatado e *as coisa* aumentando, tudo por tudo, por sinal fui fazer uma compra ontem no comércio' *as coisa* já tiveram aumento de oitenta por cento, e antes do Plano Cruzado *ela* ta/ num tava tendo esse aumento todo, quer dizer' que num tem mais (+) num tem sentido, quer dizer' nem pro sujeito viver nem pra estudar, foi um negócio que se tivesse sido mantido dentro do do sistema realmente como tava previsto' ia dar ia dar sentido pra pra melhorar a situação pra muitas pessoas," (vt155/76) – PERSISTÊNCIA MÉDIA (>2)
- (32) "*então na medida que eu aumento a espessura de isolamento... di-miNUI a resistência térmica... de convecção... ENTÃO NOTEM... na medida que eu /tô aumenTANDO minha espessura eu /tô aumenTANDO minha resistência de convec/... de condução... e /tô diminuindo a minha resistência térmica de convecção... COMO que a área se comporta?... né? QUEM É quem::... quem varia mais? um ou outro?... né? e aí que a gente vai entrar hoje ()... seria análise da espessura de isolamento... né? a gente vai analisar como que essa função se compORta... CLARO... o nosso objetivo é:: termos uma:: espessura Ótima de isolamento..." (54-18/24) – BAIXA PERSISTÊNCIA (1)*
- (33) "*quando ele espera o preço suBIR... o produto já /tá estragado... isso aí na sociedade indígena isso num acontece... o índio só produz aquilo que consome... o índio só produz aquilo que consome... – MAS aconteceu que foi fechado... o jornal... dos... bolchevistas... isso é uma repressão de alguns segmentos... CONTRA... os bolchevistas... depois nós tivemos... a dissolução do partido único... gente... é esse o problema... um partido único... nem sempre representa... uma... Unida-de nacional..." (17-48/510) – NÃO-PERSISTÊNCIA*

8. Distância referencial: é outra medida que está relacionada à topicalidade. Consiste em verificar se e onde o referente da ocorrência aparece nas orações anteriores. Observam-se as três orações anteriores à ocorrência. Se o antecedente for encontrado na oração

imediatamente anterior, isto indica maior acessibilidade referencial. Givón (1995:79) observa que referentes altamente tópicos, tais como pronomes e anáforas zero, tendem a ter valor 1, e que sintagmas nominais enfáticos e topicalizados tendem a ter valor 2/3. Ou seja, referentes não-tópicos têm valores entre 2/3 e 3, e referentes tópicos entre 1 e 2/3.

(34) “ái pedi pra fecharem a porta e a porta tava fechada”(fv148/783) – valor 1

9. Status informacional do SN: usamos a classificação das informações de Prince (1981): nova, inferível e evocada. *Informação nova* é aquela que nem foi introduzida no discurso nem é inferível. A *informação inferível* é aquela que é inferida com base no conhecimento de mundo e *informação evocada* é aquela que é dada ou textualmente ou situacionalmente. São exemplos:

(35) “num faço como *essas menina* que vêem um cantor’ fica apavorada” (ed419/878) – *informação nova* — o informante não havia falado ainda em “meninas”

(36) “o produto já /tá estragado” (17-48/512) – *informação inferível* — o informante falava de imposto, de produção e exemplificava com o preço do suco de laranja, deduz-se do contexto que “produto” seria o suco, é um caso de hiperonímia.

(37) “eu nunca vi uma Fortaleza tão abandonada como tá esses últimos anos” (vt162/276) – *informação evocada* — o assunto era a cidade de Fortaleza, de que o informante já havia falado antes.

10. Posição do SN: anteposto ou posposto ao verbo/adjetivo. Essa variável se justifica para confirmar a topicalização do objeto e seu alçamento à função de sujeito, marcada em português pela anteposição. Said Ali (s/d) chega a afirmar que, em alguns casos, a única diferença entre a voz passiva sintética e a voz média é a posição do nome: “A janela fechou-se” (voz média) X “fechou-se a janela”(voz passiva). Exemplo:

(38) "acabou-se a bebida do homem" (fv484) – posposto

(39) "a ideologia foi-se implantando"(17-35/91) – anteposto

2.3. Análise e discussão dos resultados

Analisamos 65 ocorrências de falantes de 1º e 3º grau em situações formais e informais, em 8 horas de gravação. A pouca produtividade do fenômeno pode se dever à limitação da amostra que compreendeu apenas dois registros orais: DID e EF. Pode se dar também à especificidade da construção. A função de evitar assumir responsabilidade, mais comum na média intransitiva e pronominal que na passiva, por exemplo, não pôde ser comprovada. Talvez no registro D2 (Diálogo entre Dois Informantes), em narrativas pessoais, numa conversa informal entre dois amigos, essa função poderia aparecer. Foram esses os nossos resultados:

Tabela 1: Relação entre a forma de codificação e o registro

	Intransitiva n-pronominal		Intransitiva pronominal		adjetiva/ficar		adjetiva / estar		total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
DID	4	30,7	7	31,8	8	61,5	6	35,3	25	38,5
EF	9	69,3	15	68,2	5	38,5	11	64,7	40	61,5
total	13	20	22	33,8	13	20	17	26,2	65	100

Esses dados revelam que, pelo menos nas limitações dessa amostra, o uso de construções médias é mais comum em registro formal, o que está de acordo com a função da voz média de promoção do participante não-agente a tópico do discurso. De fato, nos discursos acadêmicos, fala-se mais de coisas, abstratas ou não, que de pessoas. E como o agente geralmente é humano, é natural que o objeto paciente seja topicalizado em discursos formais. Isso também se comprova pelo alto índice de SN inanimado: 66,2% (43 ocorrências) contra 33,8% de animado (22 ocorrências).

Embora as formas de codificação sejam todas construções de-transitivas médias, cada uma tem características sintáticas, semânticas e discursivas distintas. Senão vejamos.

A média intransitiva não-pronominal denota um evento sem agente, em que o objeto é levado ao papel de tópico primário. O verbo, embora passe da condição de ação-processo à de processo, ainda codifica um evento, mais que o resultado desse evento. Dessa forma, a média intransitiva se presta bem à função de promoção do não-

agente a tópico. A média intransitiva pronominal compartilha com a intransitiva a codificação do evento, mas denota um menor grau de inatividade do sujeito paciente. Quando se diz, por exemplo:

(40) “o rapaz tava dormindo’ se acordou-se” (fv131/311)

o *se* parece indicar uma certa participação do paciente no evento, que não existiria se o falante dissesse: “O rapaz acordou”. Nesta enuncia-se um evento que parece ter-se dado sem causa aparente, por si mesmo, naturalmente, sem agente concebível.¹⁶ Naquela, o evento é menos de-transitivo porque o processo parece passar de um sujeito para um paciente, que se torna ainda mais afetado, mesmo que esse sujeito e esse paciente se confundam num só participante, como no caso das construções reflexivas.¹⁷

Com verbos de processo com sujeito experienciador, o pronome foi regra nos dados:

(41) “*King Kong* que ele se apaixonou-se pela moça” (ed422/955)

O uso ou não do pronome com os verbos de processo com sujeito experienciador pode ser um fenômeno de variação diatópica, como sugere Monteiro (1994:94), embora acabe admitindo que “não sabemos de modo conclusivo se o emprego de clíticos redundantes constitui um fenômeno arbitrário e idiossincrático ou se decorre de motivações sintáticas e/ou semânticas”.

A média adjetival com *ficar* denota o resultado de um evento anterior, enquanto que a média adjetival com *estar* simplesmente descreve um estado, sem nenhuma sugestão nem de algum evento passado nem de um agente responsável. As duas construções adjetivas apresentam, em relação à média intransitiva, um grau maior de estativização do verbo, sendo que a média com *estar* é mais estativa que a outra. Servem, portanto, à função pragmática de enfatizar o resultado de um evento.

Nem todos os verbos admitem as três construções médias. Há verbos que não admitem a forma intransitiva, ou a forma pronominal

¹⁶ Said Ali (s/d:178) já observava que “a voz medial denota atos espontâneos, sem agente ou causa aparente: *a luz apagou-se, a ferida abriu-se.*”

¹⁷ Borba (1991:XIX) observa que o pronome “serve como índice do grau de participação do sujeito naquilo que o verbo indica.”. O autor observa ainda que o pronome pode tornar-se “índice de processividade”.

ou, ainda, a adjetiva:

O verbo *aumentar*, por exemplo, admite apenas a forma intransitiva não-pronominal:

(42) “e as coisas *aumentando*” (vt155/78)

(43) * e as coisas *se aumentando*

(44) * e as coisas *ficaram/estavam aumentadas*

O verbo *modificar* admite a forma intransitiva pronominal e a adjetiva, mas não a intransitiva não-pronominal:

(45) “O Próprio perCURso do rio... ele *se modifica*...” (52-64/264)

(46) O rio *estava/ficou modificado*.

(47) *O próprio percurso do rio... *ele modifica*. (a frase seria considerada da voz ativa e incompleta)

O verbo *estragar* admite as três formas:

(48) “o produto já *lá estragado*...”(17-48/512)

(49) O produto *estragou(-se)*

(50) O produto *ficou/estava estragado*.

Conforme a função básica e a estrutura sintática, podemos agrupar as formas de voz média em dois grupos:

- grupo 1: média intransitiva e pronominal
- grupo 2: média adjetiva com *ficar* e com *estar*

No discurso formal (EF), encontramos 24 ocorrências (60%) de formas do grupo 1. No discurso informal (DID) o índice maior foi de formas do grupo 2 (56%). Esse resultado parece confirmar que as construções do grupo 1 se prestam mais à topicalização do paciente, enquanto que as construções do grupo 2, à ênfase no resultado de eventos. Seria natural que no discurso formal fosse dada ênfase ao objeto, tema das aulas e que, nas respostas às perguntas do entrevistador sobre a vida do informante, a ênfase seja dada ao resultado do evento. Todavia, como nem todo verbo admite escolha quanto à forma de codificação média, não podemos afirmar com segurança até que ponto o maior índice de uma forma num grupo reflete uma dessas funções ou simplesmente uma restrição lexical do verbo.

Um fator sintático que comprova a função de topicalização do participante não-agente é a posição do SN. Nossos dados apresentaram um alto índice de anteposição do SN paciente – 96,9%. Na média, como na passiva participial, mas não na passiva pronominal nem na impessoal, o objeto é promovido a sujeito e tópico da oração.

Outra variável que também comprovou a topicalização do objeto foi o *status* informacional do SN. Em 50 ocorrências (76,9%), o SN era uma informação evocada, na maioria dos casos, textualmente. Aparentemente esse resultado contrasta com os da da variável persistência (catafórica) do tópico, uma vez que tivemos 69,2% de não-persistência e 30,8% de persistência. Na realidade, a construção média, tal como a passiva, segundo os resultados de Furtado (1991) parece não atender à função de manutenção do tópico. Contudo, esse resultado não implica numa baixa importância temática do tópico da construção média, porque não se levantou o número de vezes que o referente foi mencionado anaforicamente. Avaliamos a distância referencial que apresentou alto índice de ocorrências com valor 1 (50,8%), ou seja, o referente do tópico da construção média aparecia explícito na oração anterior contígua, o que ressalta o caráter de tópico do SN da voz média e demonstra que o emprego da voz média parece se relacionar à coesão textual e talvez sirva para fechar uma cadeia tópica. A frequência dos valores de referência anafórica estão na tabela 2.

Tabela 2: Índice de distância referencial

referente na frase anterior (valor 1)		referente na segunda frase anterior (valor 2)		referente na terceira frase (valor 3)		total, com valor entre 1 e 2/3 (tópico)		referente presente na 4ª frase ou não presente nas frases anteriores próximas (valor >3 ou Ø)	
33	50,7%	6	9,2%	7	10,8%	46	70,8%	19	29,2%

O valor semântico do verbo mostrou-se uma variável relevante. Apenas 4 (6,2%) das 65 ocorrências tinham valor positivo. As restantes dividiram-se em valor negativo e valor neutro (não se aplica): 33 ocorrências (50,8%) de valor negativo e 28 ocorrências (43%) de valor neutro ou indefinível. Tal resultado parece se relacionar

onar à função da voz média de evitar assumir responsabilidade, embora na maioria das ocorrências essa função não tenha ficado clara. Parece que a construção média com verbos que denotam idéias negativas ocorra pela tendência natural do ser humano em atribuir fatos negativos a uma causa abstrata, superior, indeterminada. Não haveria, então, um agente discernível, humano, iniciador desse processo negativo. O processo se daria por si só, afetando um objeto. Praticamente todas construções adjetivas (exceto uma com um verbo contextualmente positivo: *congelar os preços*) foram categorizadas como de valor negativo. Essas construções com *ficar* e *estar*, denotando maior estativização do verbo, ressaltam a idéia de processo sem causa externa aparente, sem um agente de evento anterior. Quando o falante diz, por exemplo:

(51) “**fiquei reprovada**” (ed413/687)

está ressaltando um estado, resultado negativo de um processo. É como se o falante concebesse, do evento negativo, apenas o resultado. E esse evento se devesse a alguma causa natural ou a ele próprio. É diferente de dizer:

(52) **fui reprovada.**

Nesse caso, sugere-se um agente humano, responsável. No primeiro caso (com *ficar*) é como se o falante encarasse o resultado do evento como algo natural, talvez provocado por ele próprio, que assume certa responsabilidade pelo fato. É como se dissesse: “Deixei me reprovar”. A construção admite, no máximo, um causativo, não um agente:

(53) **fiquei reprovada por conta da doença de mamãe.**

(54) ***fiquei reprovada pelo professor.**

No segundo caso, embora não se explicito o agente, e a voz passiva participial permite essa omissão, o evento é concebido como tendo um agente responsável externo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos aqui fatores sintáticos, semânticos e discursivos que poderiam influir no emprego da voz média. Desses, os que se mostraram mais relevantes foram os discursivos. A voz média é usa-

da como recurso para topicalizar o objeto e manter a coesão do texto. Nos nossos dados, o objeto era predominantemente inanimado, anteposto, paciente, evocado, referido na oração imediatamente anterior. Todas essas propriedades ressaltam a função de topicalização e de coesão textual da voz média.

Embora não tenhamos feito um levantamento completo, observamos, nos nossos dados, uma maior frequência de formas passivas que de médias. Como nossos resultados sobre a função da voz média se aproximam dos resultados de Furtado (1991) sobre a voz passiva, restar-nos-ia descobrir porque uma seria mais usada do que outra. Uma hipótese plausível seria a de tal fato se dê por a construção média estar mais distante da ativa na escala de de-transitividade. Se é verdade que crianças codificam primeiro orações ativas transitivas e que essas são menos complexas e mais acessíveis cognitivamente, será natural que uma construção que se distancie mais desse modelo seja menos empregada.

Além disso, conforme já observamos, a voz média codifica um evento sem sequer sugerir um agente responsável. A voz passiva, por outro lado, permite que se conceba ou recupere um agente. Assim, a escolha de uma codificação média pode depender de fatores relacionados à variável *valor semântico do verbo*, como recurso para evitar assumir a responsabilidade, ou da intenção de se enfatizar o evento, visto como ocorrendo por si, sem causa externa.

Talvez fosse interessante investigarmos se o agente demovido da voz média se encontra em algum lugar no discurso anterior e/ou posterior à ocorrência da construção média. Seria igualmente interessante se fazer uma coleta das formas passivas participiais usando a mesma amostra e as mesmas variáveis, a fim de verificar se, de fato, as duas têm as mesmas propriedades semântico-discursivas, para então pesquisarmos a influência de outros fatores no emprego de uma em detrimento da outra. Se temos em português construções estruturalmente distintas, categorizadas como médias e como passivas, certamente as duas atendem a pressões discursivas diferentes. Embora acreditando que a voz média tenha relações diacrônicas com outras construções aproximadas, tais como a passiva e a reflexiva, não cremos que seja uma forma sem função. Pesquisas mais aprofundadas sobre o tema poderão lançar luzes sobre essas questões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de et SOARES, Maria Elias (org.). *A linguagem falada em Fortaleza: diálogos entre informantes e documentadores – materiais para estudo*. Fortaleza : UFCE, 1996.

BORBA, Francisco da Silva et alii. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. 2 ed. São Paulo : UNESP, 1991.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso *Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa*. Petrópolis : Vozes, 1977.

CHAFE, Wallace L. *Significado e estrutura lingüística*. Rio de Janeiro : Livros Técnicos e Científicos, 1979.

DUARTE, Inês Silva. Descrição e estrutura gramatical do português. MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra : Almedina, 1993.

———. Aspectos gramaticais da descrição do português. MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. 3 ed. Lisboa : Caminho, 1989.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. Porto Alegre : Globo, 1969.

FURTADO, Maria Angélica. A passiva no discurso in: VOTRE, Sebastião (org.) *A língua em uso na fala e na escrita*. Rio de Janeiro. (mimeo), 1991.

PIMENTA-BUENO, Mariza do N.S. *As formas [v+do] em português: um estudo de classe de palavras*. D.E.L.T.A., 1086, vol 2, nº 2 (207-229).

GIVÓN, T. *English grammar: a functional-based introduction, vol I e II*, Philadelphia : Benfamins, 1993.

———. *Functionalism and grammar*. Philadelphia : J. Benjamins, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e função da linguagem in: *Novos horizontes em Lingüística*. Org. John Lyons, São Paulo : Cultrix,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

1976.

MONTEIRO, J. Lemos. *Pronomes pessoais*. Fortaleza : UFCE, 1994.

———. (org.) *O português oral culto de Fortaleza – PORCUFORT*. Disponível em: <http://www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036>.

PRINCE, E. Toward a taxonomy of given/nem information. In: P. COLE (ed.). *Radical pragmatics*, New York, 1981.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo : Melhoramentos [s/d].